A CRÔNICA MACHADIANA NA FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA

Andréa Portolomeos - UFF

A história da crônica no Brasil está ligada ao projeto de formação de uma literatura brasileira no século XIX. O compromisso romântico de fundação de uma literatura nacional pode ser notado nos nossos primeiros folhetins publicados nos jornais da época, dos quais a crônica é uma variante. No geral, tratava-se de uma produção engajada na construção da literatura brasileira enquanto "sistema", ou seja, como conjunto de obras que formam uma tradição literária e que possuem entre si denominadores comuns:

> Estes denominadores são, além das características internas, (língua tema, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; *um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive*; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros (Candido: 1993, p.23 – grifo nosso)

Certamente esse engajamento também implicava ajustes textuais visando à formação de um público leitor, no Rio de Janeiro daqueles tempos, sem o qual a idéia de "sistema", de fundação de uma tradição literária brasileira, não se sustentaria. E aqui cabe destacar uma peculiaridade do nosso Rio de Janeiro que vinha se modernizando desde a chegada de D. João VI e sua comitiva: mesmo abrigando uma burguesia ascendente, o panorama das nossas letras era desolador. Ou seja, aqui a burguesia não possuía o papel civilizador que tradicionalmente desempenhava na Europa. (Ortiz: 2001, p.17) Muitos dos nossos novos burgueses eram oriundos das velhas famílias coloniais que urbanizavam suas riquezas e passavam a viver de especulação. (Faoro: 2001, p.25) Apesar dos ajustes levados a cabo por essa nova burguesia para reorganização dos seus velhos hábitos, algumas práticas

tradicionais de sentido oral e comunitário e enraizadas no meio rural persistiam, o que constituía de certo modo um obstáculo à criação do hábito da leitura entre eles. Nossa burguesia tinha feições particulares bastante diferentes daquela européia traduzida, por exemplo, por pinturas e fotografias que "retratam a paz doméstica abrigada pelo livro." (Zilberman: 1999, p.16)

Apesar dessa particularidade, a cidade contava com os elementos necessários para a formação e o fortalecimento de uma sociedade leitora: mecanismos mínimos para a produção e circulação de literatura, como tipografias, livrarias e bibliotecas. Dessa maneira, era perfeitamente concebível o projeto romântico de sedução e consolidação de um público indispensável à fundação da literatura nacional. E nesse sentido, cabia criar o hábito e a idéia da leitura como prazer na nossa burguesia apenas, e quando muito, alfabetizada.

Sendo assim, os textos folhetinescos - entre eles as crônicas - assumiam em certo sentido uma "função pedagógica". Isto é, eles buscavam estabelecer uma passagem entre uma cultura predominantemente oral e a cultura escrita, conversando familiarmente com os leitores, recapitulando o lido, explicando o aparecimento de novos personagens etc. Lê-se em *Memórias de um sargento de milícias*, publicado em folhetim em 1852:

> Dadas as explicações do capítulo precedente, voltemos ao nosso memorando, de quem por um pouco nos esquecemos. Apressemo-nos a dar ao leitor uma boa notícia: o menino desempacara do F, e já se achava no P, onde por uma infelicidade empacou de novo. (Almeida: s/d, p.64)

Outra conduta narrativa bastante freqüente era simular uma atitude de intimidade com o leitor. Leia-se em crônica dos anos de 1850, de Joaquim Manuel de Macedo, reunida sob o título de *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*:

> Não se incomodem com os preparativos de uma viagem, que talvez seja longa: eu tomo isso à minha conta. Não tenham medo de se verem metidos por mim dentro dos ônibus, gôndolas ou carros da praça; desejo muito dar o

> maior prazer que for possível aos meus companheiros de passeio, para condená-los a semelhante martírio. (Macedo: 1991, p.21)

Todas essas técnicas que fizeram sucesso no folhetim serão mantidas no desenvolvimento do romance (Zilberman: 2003, p.20), reaparecendo com freqüência e sendo desdobrada nas obras de Machado de Assis. Lembre-se, por exemplo, da conversa com o leitor ou leitora ou da narrativa fragmentada nos grandes romances do autor. Sonia Brayner (1982, p.428) há muito chamava nossa atenção para a crônica machadiana como "laboratório ficcional", ou seja, lugar de ensaio de uma narrativa dialógica experimental, cujo narrador intruso interrompe freqüentemente o enredo para comentar seu processo ficcional com o leitor. Nesse sentido, compare-se como o cronista de A Semana costumava abordar a elaboração de seu próprio texto em tom de conversa e, mais adiante, como o narrador de *Esaú e Jacó* ratificava essa nova perspectiva na literatura brasileira:

> (...) Eu, quando vejo um ou dois assuntos puxarem para si todo o cobertor da atenção pública, deixando os outros ao relento, dá-me vontade de os meter nos bastidores, trazendo à cena tão-somente a arraia miúda, as pobres ocorrências de nada (...). É que eu sou justo e não posso ver o fraco esmagado pelo forte (...). (Assis: 1956, p.568, vol. 3.)

> Ora, aí está a epígrafe do livro, se eu lhe quisesse pôr alguma, e não me ocorresse outra. Não é somente um meio de completar as pessoas da narração com as idéias que deixarem, mas ainda um par de lunetas para que o leitor do livro penetre o que for menos claro ou totalmente escuro. Por outro lado, há proveito em irem as pessoas da minha história colaborando nela, ajudando o autor, por uma lei de solidariedade. (Assis: 1956, p.966, vol 1.)

Através dessas conversas com os leitores, a nossa produção folhetinesca ia colocando em prática o projeto romântico de consolidação de uma literatura nacional. E a

utilização do jornal como suporte dessa literatura também tinha o seu fundamento. De acordo com Patrícia Pina, a folha diária mediava as relações entre a cultura oralizada tradicional e a cultura letrada, pois "Era *fácil* ler um jornal: suas folhas se dobravam, era pouco volumoso, podia ser guardado até nas algibeiras. Podia ser lido na esquina, compartilhado por muitas pessoas." (2006, p.68) Conforme avalia Antonio Candido, o peso da nossa tradição oral se fez sentir na constituição de um público basicamente auditivo que terminou por garantir a consolidação da literatura brasileira à medida que reconheceu uma função social para o nosso homem de letras:

> (...) o homem de letras foi aceito como cidadão, disposto a falar aos grupos (...) para edificação de quantos, mesmo sem o ler, estavam dispostos a ouvi-lo. Condições todas, como se vê, favorecendo o desenvolvimento de uma literatura sem leitores (...). Desta maneira, românticos e pós-românticos penetraram melhor na sociedade, graças a públicos receptivos de auditores. (1975, pp. 81-82 / 84-85)

Luiz Costa Lima, em 1981, avaliava que o estabelecimento de uma linguagem auditiva entre nós havia gerado um predomínio de hábitos mentais associados ao registro oral mesmo quando a circulação dos textos já era feita através do impresso. Segundo ele, isso explicaria a escassez do hábito reflexivo entre nós. Por outro lado, em 2002, Costa Lima destaca o caráter inovador da crônica machadiana. O crítico vai relacionar essa escrita impregnada de auditividade a uma "lógica constelacional" que nega a linguagem como algo capaz de espelhar a realidade e, ao invés, destaca seu formato arbitrário, suas contaminações semânticas, sua disposição sonora. (2002, p.335)

> (...) a leitura atenta mostra-o (Machado) conduzido por um princípio que chamaríamos constelacional, radicalmente distinto de uma argumentação de cunho linear – cujo modelo seria "se a, b, c, então d". Por princípio constelacional entendemos a conexão de blocos proposicionais diversos, que, entretanto, se interligam por um motivo comum; este motivo os

> “ilumina” por uma luz diversa da que seria apropriada a cada bloco. (id., ibid.)

Como afirma Marcus Vinicius N. Soares, essa nossa escrita auditiva também deve ser lida pelo viés do progressivo afastamento do corpo humano do circuito comunicativo. Nesse sentido, o texto folhetinesco sofreria um complexo processo de performatização que tende a ser sumariamente percebido pelos críticos como simples solução pedagógica para formar leitores em terra de burgueses incultos. Isso significa que as soluções narrativas românticas - e aqui vou me ater às crônicas - precisam ser contextualizadas para que se entenda seu esforço de experimentação.

Os fatores externos são determinantes para a valoração dessa produção, ainda que nossa tendência seja considerar de maneira parcimoniosa tais elementos em virtude de um repúdio à crítica positivista. Ora, partir dessa constatação não significa compreender o meio como causa da literatura e a literatura como efeito do meio. Como nos explica Antonio Candido, no texto “O escritor e o público”, esse panorama é muito mais dinâmico, à medida que a obra também exerce ação sobre o público e sobre o próprio autor. A produção folhetinesca oitocentista não foi simplesmente determinada por um público de tradição oral, ao qual ela deveria se conformar. Dialeticamente, ela também interfere ativamente nesse panorama, criando um público e modificando comportamentos.

A compreensão desse gênero genuinamente brasileiro, como avalia Afrânio Coutinho, precisa ser conjugada com um esforço de recuperação da história nos estudos literários, em perspectiva diferente daquela adotada no século XIX pelos historiadores da literatura. No entanto, sabe-se que a teoria da literatura tornou-se muito mais forte no âmbito da crítica, no intuito de fazer frente às vertentes positivitas e deterministas que vigoraram até o início do século XX. Ainda como reação a essa tendência, a relação direta entre o autor e o público tornou-se desqualificadora do literário, à medida que nos induzia a pensar numa relação de tipo causal, ao gosto cientificista. Diante desse fato, a literatura tendia a torna-se autônoma, favorecendo o que W. Benjamin chamou de “experiência de choque”. A obra individualizava-se, tornava-se meio para a expressão de um novo tipo de conhecimento, concebido como escavação individual, passível de ser comunicada. (cf. Costa Lima, 2002) Entretanto, sabemos que esse movimento de subjetivação da literatura afetou sua

capacidade de comunicação. Ao mesmo tempo, esse processo de autonomização da obra estimulava o fortalecimento, dentro da teoria da literatura, da chamada crítica imanentista, que se esforçava para eliminar a história da esfera da literatura.

Observe-se que o conteúdo e a forma do que chamamos de literatura brasileira no século XIX são dependentes da tensão entre os desejos do autor e a expectativa do público. Ou seja, criamos um estatuto literário singular que atendia a interesses próprios, bastante específicos, como a criação de um público leitor em um território de tradição oral, o que justifica o caráter essencialmente comunicativo dessa literatura. Assim, o estudo dessa produção precisa basear-se em uma metodologia que avalie a obra em relação com seu contexto histórico-social. Isso não significa optar por um estudo histórico de base determinista em que a obra é tão somente um produto do meio, mas historicizar a produção e a recepção desses textos, como tentou sistematizar nosso eminente crítico Antonio Candido na *Formação da Literatura Brasileira*.

A crônica oitocentista, ao elaborar estratégias textuais visando à fundação de um público leitor deixa entrever uma sólida tradição de elementos do passado literário fundada em regras e preceitos retóricos. Embora esses textos fossem produzidos no clima dos novos ideais românticos de subjetividade e liberdade criadora, eles nos mostram que a ruptura romântica com estruturas mentais longamente arraigadas não foi (e não pode ser) absoluta. Assim sendo, nossa crônica não degenera completamente o ideal clássico de texto - que, segundo Cícero, deveria *docere* (persuadir), *delectare* (deleitar) e *movere* (comover) -; pelo contrário, conta com ele no projeto de formação de uma literatura nacional. Importa lembrar que a retórica era disciplina obrigatória nos currículos escolares do século XIX, o que equivale dizer que nossos autores conheciam-na suficientemente bem para usá-la em proveito do projeto romântico. Nessa esteira, José de Alencar, cronista do *Correio Mercantil* nos anos 50, definia sua conversa semanal com os leitores como algo objetivo, da esfera do prazer, mas também da utilidade: "A conversa é uma das coisas *mais agradáveis e mais úteis* que existe no mundo. (...) *A palavra é um instrumento*, um cinzel, um *crayon* que traça mil arabescos, *que desenha baixos-relevos e tece mil harmonias de sons e de formas*."

Machado de Assis não deixa de lado a luta dos intelectuais oitocentistas por uma tradição literária no Brasil. Sendo assim, o lastro da produção anterior pode ser lido nas suas crônicas que também atualizam os ensinamentos clássicos, compreendendo a linguagem como insubmissa e articuladora do real. Exemplo disso está em texto do dia 29 de outubro de 1893, no qual o cronista explica a uma leitora sobre a debilidade dos fatos fora do domínio da linguagem: "- Palavras, frases. A senhora é uma linda frase de artista. Tem nas formas um magnífico substantivo: os adjetivos são da casa de Madame Guimarães. A boca é um verbo. *Et verbum caro factum est.*"

A crônica, mesmo comprometida com uma recepção mais ampla e com um projeto de formação de uma tradição na literatura brasileira, cria um novo estatuto ficcional que consiste em compreender a linguagem como elemento insubmisso à realidade positivada, capaz de subvertê-la e recriá-la através do humor e da desestabilização das estruturas organizadoras desse real, como a lógica linear. Nessa perspectiva, o bom cronista é aquele que, paradoxalmente, não se submete aos fatos, visto que o procedimento narrativo é mais importante do que o simples relato dos acontecimentos da semana. Como sugere Machado, o bom cronista é aquele que prefere as "semanas pobres", pois as ricas exigem "muitas cortesias", prejudicando a liberdade de criação.

Referências bibliográficas:

ALENCAR, José de. *Obra Completa*. Vol IV. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960.

ALMEIDA, Antonio Manuel de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

ASSIS, Machado. *Obra Completa.* Rio de Janeiro: Aguilar, 1959.

BRAYNER, Sonia et alii. *A crônica, sua fixação e transformação no Brasil*. São Paulo: Unicamp/ FCRB, 1992.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993.

_____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1976.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Global, 2003.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Global, 2001.

LAJOLO, Marisa e Zilberman, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.

LIMA, Luis Costa. *Intervenções.* São Paulo: Edusp, 2002.

_____. *Dispersa Demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Belo Horizonte: Garnier, 1991.

MARTINS, Eduardo Vieira. *A fonte subterrânea. José de Alencar e a Retórica Oitocentista*. São Paulo: Edusp, 2005.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. "A crônica na imprensa periódica oitocentista: Machado de Assis e a formação do público leitor." *Revista Brasileira de Literatura Comparada / Associação Brasileira de Literatura Comparada* – n.9, 2006.

SOARES, Marcus Vinicius. Literatura e imprensa: José de Alencar. In: SUSSEKIND, Flora e DIAS, Tânia (orgs). *A historiografia literária e as técnicas de escrita*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004.

Resumo:

Esse texto faz parte de uma pesquisa de pós-doutorado, em desenvolvimento, sobre cronistas do século XIX, dentre eles Machado de Assis. Tendo como suporte metodológico a idéia de sistema de Antonio Candido, pretendemos pensar a crônica oitocentista como gênero estratégico para a formação de um público leitor, indispensável ao projeto romântico de formação de uma literatura nacional. Nesse sentido, podemos afirmamos que esses textos, embora produzidos em meio aos novos ideais românticos de subjetividade e liberdade criadora, deixam entrever uma sólida tradição de elementos do passado literário fundada em regras e preceitos retóricos.

Palavras-chave: crônica, formação da literatura brasileira, leitor, retórica